

## OS NEGROS NA ANTIGUIDADE MEDITERRÂNEA<sup>1</sup>

Léopold Sédar Senghor

Este texto é o mesmo da alocução pronunciada por Léopold Sédar Senghor em 11 de maio de 1977, durante sua visita oficial ao Principado de Mônaco. Ele retoma, expandindo suas reflexões ao conjunto mediterrâneo, seu discurso de abertura do Congresso de Latim, no Dakar.

Na Antiguidade e entre os albo-europeus – prefiro esta palavra àquela de “indo-europeus” –, são os romanos que mais assimilaram os africanos, singularmente os negros, após tê-los combatido. Disse “mais assimilado” e não “melhor assimilado”. São, na verdade, os gregos, os primeiros em contato com os negros, desde Homero, que melhor assimilaram seus aportes fecundantes, graças à mediação egípcia. Hoje, portanto, ampliando o problema às dimensões de todo o Mediterrâneo, tentarei mostrar o lugar que ocuparam e o papel que desempenharam os negros no mundo antigo do Mediterrâneo.

Mas antes iniciar *in medias res*, gostaria, a título de introdução, de dizer como a ideia surgiu em minha mente.

Eu estava preso, em *Frontstalag* implantado no coração da França. Tinha encontrado, em um sótão, uma antologia de Platão, em edição grega com abundantes notas em francês. Tinha, já, durante quatro anos, ensinado grego para jovens de Tours. Tinha-o feito com grande consciência profissional, um pouco estreita na verdade, insistindo, na ocasião, sobre as características “indo-europeias” – morais, intelectuais e físicas – da civilização grega: sobre a identidade do bem e do belo, da racionalidade e da eficácia, sobre as deusas “dos olhos brilhantes” e “dos braços brancos”<sup>2</sup>.

No entanto, para falar como o general de Gaulle, eu não podia permanecer indiferente aos “imensos acontecimentos que abalaram o mundo”, sobretudo a propaganda, que queria colocar os mediterrâneos e suas civilizações na base da escala europeia. É então que, lembrando-me dos ensinamentos de meus

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado na revista *Ethiopiques* – Revue socialiste de culture négro-africaine, número 11, juillet 1977. Tradução de Glaydson José da Silva – Professor Associado – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: sglaydson@hotmail.com. As passagens de obras clássicas foram mantidas em sua tradução para a língua francesa, para que a dificuldade de acesso às fontes referidas não resultasse na tradução da tradução.

<sup>2</sup> N. doT. – Epítetos homéricos para designarem as deusas Atena e Hera.

professores, na École Pratique des Hautes Études e no Institut d'Ethnologie de Paris, estudos seguidos após minha agregação de gramática, comecei uma longa meditação sobre o milagre mediterrâneo, singularmente sobre o "milagre grego", no qual a África desempenha um papel não negligenciável. São as reflexões de então, perseguidas já faz mais de 35 anos e nutridas tanto de leituras como de experiências, que gostaria de proferir hoje, naturalmente, resumindo-as. Eu o farei no *espírito da Escola do Dakar*. Qual é então, me perguntais vós, esta escola da qual falamos frequentemente? Não é, responderei, nem um ensinamento, nem uma doutrina, sobretudo não é um dogma. É uma atitude e um método, novamente, um *espírito*, que, significativamente, fez menos a síntese que a simbiose da modernidade e da *négrité*. Digo "négrité" e não *négritude*, pois trata-se do espírito negro muito mais que da experiência negra. Os professores e pesquisadores da Universidade senegalesa e das escolas profissionais de ensino superior repudiaram o espírito clássico, de dicotomia. Eles não creem mais que uma coisa seja branca ou negra, verdadeira ou falsa, mas que a verdade nasça, por confrontação, de uma simbiose entre oposições, contradições, que é necessário superar para resolver o problema que se coloca. É, vós o reconheceis, o velho método da *dialética*, que nem Hegel nem Marx inventaram, que eles simplesmente modernizaram, retomando aos antigos gregos, que o aprenderam com os egípcios. Voltarei a isso. O espírito da Escola de Dakar consiste, então, em estudar objetivamente um objeto, um problema, com os instrumentos de análise estritamente científicos – daí a importância dos aportes europeus –, mas fazendo reagir, como negro-africano e para negro-africanos, o sujeito vivente, ou seja, o pesquisador, sentindo e pensando ao mesmo tempo. Isso significa exatamente que os pesquisadores – quer eles sejam africanos, asiáticos, europeus ou latino-americanos – serão, segundo o objeto, albo-europeus, latino-americanos ou asiáticos e negro-africanos ao mesmo tempo. Em suma, os objetos-problemas serão estudados do duplo ponto de vista: científico e negro-africano. O método será tanto mais eficaz quando se trata civilizações mediterrâneas, pois há, subjacente, um elemento negroide muito antigo e não negligenciável. Como o dizia Pulo Rivet, meu antigo professor de Antropologia no Institut d'Ethnologie de Paris, todas as primeiras civilizações históricas nasceram nas atitudes do Mediterrâneo, nas linhas de cruzamento dos negros, dos brancos e dos amarelos. E ele acrescentaria, às civilizações mediterrâneas – da egípcia à árabe, passando pela grega –, as civilizações iraniana e indiana, chinesa e maia. O professor Rivet tinha uma espécie de sexto sentido, que lhe fazia descobrir o pólen negro em todas as civilizações que ele estudava, mas primeiro daquelas da bacia mediterrânea. "Hoje ainda, argumentava ele, "há de 4 a 20% de sangue inteiramente negro em torno do Mediterrâneo" E ainda: "Desde as invasões indo-europeias, o Mediterrâneo não cessou de se branquear". Por isso digo *albo-europeu* e não "indo-europeu".

O professor Rivet se apoiava, claro, sobre as disciplinas, consolidadas, da pré-história e da paleontologia – litologia e arqueologia, morfometria e craniometria –, mas também sobre disciplinas mais dinâmicas, como a antropologia e a linguística. Ele insistia, em particular, sobre o estudo da “mancha mongólica”, que é sinal de sangue negro, e sobre a hematologia, que é a ciência da fisiologia, físico-química e da história do sangue. Sabemos que, desde então, começou a se constituir uma *hematologia etnológica*. Eu vos remeto às obras de Léone Bourdel, particularmente aquela intitulada *Groupes sanguins et Tempérament*<sup>3</sup>, mas, sobretudo, ao artigo do professor Jean Bernard, que tem como título *L'Hématologie géographique*<sup>4</sup>. Numa e noutra, os albo-europeus são associados ao grupo sanguíneo A e os negros ao grupo O. Ora, os homens do grupo O são particularmente numerosos em torno do Mediterrâneo. *Last but not least*, os etnocaracterólogos colocam, no mesmo etnotipo flutuante, todos os mediterrâneos, todos os africanos, todos os latino-americanos e, curiosamente, os japoneses. Paul Griéger, em *La Caractérologie ethnique*, nos precisa que o flutuante é caracterizado pela “energia de afetividade, a riqueza da vida interior, a orientação do interesse pelas realidades íntimas, os sentimentos, as imagens, os sonhos”<sup>5</sup>.

Depois desta introdução, tratarei, em uma primeira parte, das raças, das etnias e das línguas, depois, em uma segunda parte, do lugar e dos papéis dos negros na Antiguidade mediterrânea. Ao fazê-lo, farei frequentemente referência a um ou outro dos pesquisadores negros que, desde o fim da última Guerra mundial, estudaram a situação dos negros no mundo antigo. Citarei, aqui, obras como *Nations nègres et Culture*, de Cheikh Anta Diop<sup>6</sup>, *Blacks in Antiquity*, de Frank M. Snowden Junior<sup>7</sup>, *Les Sources grecques de l'Histoire négro-africaine*, de Engelbert Mveng<sup>8</sup>, *L'Afrique dans l'Antiquité*, de Théophile Obenga<sup>9</sup>. Acrescentarei *La Grèce devant la Négritude*<sup>10</sup>, do francês Alain Bourgeois. Mas como não citar *The Negro in Greek and Roman Civilisation*<sup>11</sup>, a obra de Grace H. Beardsley, que foi a pioneira nesse campo?

---

<sup>3</sup> Paris: Librairie Maloine.

<sup>4</sup> *Nouvelle Revue Française d'Hématologie*, 1975, tome 15, n° 6.

<sup>5</sup> Presses Universitaires de France, p. 92.

<sup>6</sup> Paris: Editions africaines.

<sup>7</sup> Harvard University Press, Cambridge, Etats-Unis d'Amérique.

<sup>8</sup> Paris: Présence Africaine.

<sup>9</sup> Paris: Présence Africaine.

<sup>10</sup> Paris: Présence Africaine.

<sup>11</sup> Baltimott et Londres: The Johns Hopkins Press, 1929.

## As raças, as etnias e as línguas

Falando de raças e etnias, não remontarei, *ab ovo*, a uns 5.500.000 anos, quando o homem emergiu da animalidade, em alguma parte na África oriental, mas ao Paleolítico superior, cerca de 40 mil anos atrás. Numerosos pré-historiadores, e de renome, nos disseram das populações negroides, os homens de Grimaldi, que vieram da África, ocuparam a Europa desde o Aurignaciano, ou seja, à primeira época do Paleolítico superior, desde a Península Ibérica até a Escóssia, ao norte, e até a Sibéria, ao Oeste.

Melhor ainda, outras populações negroides, dentre as quais os capsicanos, para aí afluíram no Mesolítico e, no Neolítico, negros serão ainda relatados na Europa. É o momento de distinguir as duas palavras: *Negros* e *Negroides*. O “Negro”, como aprendemos com o Robert, é o homem ou a mulher “de raça negra”, enquanto o “negroide” – um adjetivo empregado como substantivo –, é o homem ou a mulher “que lembra os negros por sua aparência”. Os pré-historiadores empregam frequentemente a palavra “negroide” para as duas primeiras idades, pois as raças, tal como atualmente as dividimos – em brancos, negros e amarelos – não estão fixadas antes do Mesolítico. Naturalmente, pela palavra geral de “Noirs”, designo também tanto os Négroïdes como os Nègres. É claro, os negros não foram, na Europa, a única raça do Paleolítico superior. Na segunda época, no Solutreano, chegaram os brancos, os homens de Cromagnum, que Raymond Furon nos apresenta como “uma grande e bela raça<sup>12</sup>”, cujos pré-historiadores fazem descender os bascos, íberos e outros povos brancos pré-indoeuropeus. Na terceira época, no Magdaleniano, chegaram, sempre na Europa, os homens da raça chancelade. Esta terceira, de tipo mongoloide, amarela, teria vindo da Ásia e se assemelharia com os esquimós atuais. O Paleolítico durou aproximadamente do ano 4000 a 12.000 a.C.

O Mesolítico lhe sucedera até aproximadamente o ano 5.000. Esta última idade se caracteriza, entre outros fatos, pela invasão da Europa por três novas raças. A primeira é aquela dos braquicéfalos, ancestrais dos celtas, que deram origem ao *Homo alpinus*; a segunda, aquela dos capsianos: de negroides, vindos, uma vez mais, da África. É no fim do Mesolítico que aparecerá, na Europa, uma terceira raça: o *Homo sapiens nordicus*, o grande o grande dolicocéfalo loiro. Durante as duas idades que aí estão, do outro lado do Mediterrâneo, se formavam e se desenvolviam duas raças: os *ibero-maurisianos*, ou homens de *Mechta el Arbi* e, mais tarde, os capsianos. Furon reaproximou os ibero-maurisianos dos homens de Cromagnon, entendendo, aí, que eram brancos. Em seu *Manuel scientifique de l’Afrique noire*, D.P. de Pédrals os reaproxima dos

---

<sup>12</sup> *Manuel de Préhistoire générale*. Paris: Payot, p. 192.

“Núbios do Alto Egito<sup>13</sup>”. A verdade deve estar entre os dois, os ibero-maurisianos se colocam entre os homens de Cromagnon e os capsianos. Todos os pré-historiadores estão de acordo em reconhecer aos capsianos características negroides. Sublinhando sua importância, Alexandre Moret escreve, em sua *Histoire de l’Orient*: “O importante, é que o verdadeiro centro da civilização capsiana se encontra no ponto mediano da África do Norte. Daí, esta arte capsiana ter se estendendo à Ibéria, à Sicília, à Itália do Sul, por um lado; à Líbia, ao Egito, à Síria-Palestina, por outro. Na própria África, o Saara, o Sudão, a África central e austral estão, em parte, sob sua influência<sup>14</sup>”.

Eis, parcialmente resolvido, o povoamento do Mediterrâneo oriental, do Oriente Médio, no Paleolítico superior e no Mesolítico. Para permanecer ainda com Moret, ele afirma que “o Paleolítico recente não apresenta, no Oriente, os três períodos com três raças... que enumeramos acima<sup>15</sup>”. Insistindo sobre a importância dos negroides neste ponto, ele precisa: “os primeiros colonos dos vales orientais são negroides, originários das regiões indo-africanas, expulsos para o norte pela transformação das florestas em savanas, depois em estepes. Vimos, (p. 19) que eles povoaram a Europa meridional e ocidental, e criaram as ferramentas aurignacinas. Sua presença na África do Norte e na zona oriental é atestada desde o Paleolítico recente, até o Neolítico, pelos mesmos vestígios que na Europa, mas não por esqueletos, salvo na Berbéria<sup>16</sup>”.

### No Neolítico

Em se tratando do Neolítico, parece claro que não houve perturbações, salvo, precisamente, o último fato mencionado: aquele da instalação dos negros – a raça está agora fixada – nos vales férteis do Nilo e do Indo, do Tigre e do Eufrates. Começamos, de novo, pela Europa. Há quatro raças aqui, nos diz Furon: 1º) Dolicocefalos de grande porte, do tipo Cromagnon, em algumas regiões isoladas; 2º) Dolicocefalos de pequeno porte ou mediterrâneos; 3º) Braquicefalos ou celtas vindos do leste no Mesolítico; 4º) Dolicocefalos loiros de grande porte, vindos igualmente do leste, mas no fim do Mesolítico. Na África do norte, houve, ainda, menos mudanças do Neolítico, salvo, como assinalou Lionel Balout em sua *Préhistoire de l’Afrique du Nord*, um aporte de mediterrâneos e saarianos. Partindo para o Mediterrâneo oriental, do qual o Egito faz parte, assinalarei, aqui, a mestiçagem realizada entre negroides

---

<sup>13</sup> Paris: Payot, p. 32.

<sup>14</sup> Tome premier, p. 40.

<sup>15</sup> Op. cit. p. 3

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 38.



aurignacianos, iberomaurisianos e capsianos que formou as populações chamadas *cuxitas* ou *hamitas*. Discutimos muito sobre essas palavras e sobre suas significações, tanto linguísticas quanto raciais. E continuamos a fazê-lo, precisamente, porque trata-se de mestiços. A este triplo aporte no Egito, somam-se, na verdade, dois outros vindo da Ásia. O Oriente Médio então recebeu, no Neolítico, submergindo os negroides, duas sub-raças diferentes; por um lado, semitas, ou seja, dolicocefalos pardos com cabelos longos, menores que os egípcios, que se instalaram na Síria, na Palestina, na Arábia e na Mesopotâmia; por outro, braquicefalos pardos de pequeno porte, vindos do Cáucaso, que se fixaram na Mesopotâmia e fundaram a civilização suméria. É o momento de me deter para, diante destes eventos, estes *atos*, dar-vos duas reflexões. A primeira se relaciona à permanência da presença negra durante as duas idades que aí estão, e até o Neolítico, não somente entorno de todo o Mediterrâneo, mas ainda em toda Europa. É esta permanência que sublinha Théophile Obenga no capítulo II de *L'Afrique dans l'Antiquité*<sup>17</sup>. Recapitulando estes fatos, ele assinala, entre os homens fósseis da Europa quem, do Aurignaciano ao Neolítico, apresenta características negroides, aquelas de Grimaldi, de Combe-Capelle, de Moniat, de Muge, de Téviec, de Toul-Bras e da ponta do Congue. Minha segunda reflexão concerne à *mestiçagem* Como dizia ainda o professor Rivet, “quando dois povos se encontram, eles se combatem frequentemente, eles se misturam sempre. Para ele, é esta mestiçagem que é, com a arte, um dos traços essenciais do *Homo sapiens*. Antigamente, os povos que se encontravam, se lançavam em combates até a morte, e um aniquilava o outro. Concluindo sobre o Paleolítico superior em *Les Hommes de la Pierre ancienne*, Henri Breuil e Raymond Lantier escrevem: “Em resumo, durante o Paleolítico superior, constatamos a existência de elementos negroides, etíopes, brancos e, provavelmente, amarelos<sup>18</sup>”. Eles tinham, anteriormente, avançado, falando da “humanidade nova”, ou seja, o *Homo sapiens*: “Ela já é muito misturada, e o homem europeu do Paleolítico superior é, já, como o observava Marcellin Boule, “cão da rua”, um mestiço de formas diversas do *Homo sapiens*<sup>19</sup>”. Se tal era a mestiçagem sobre as costas do Norte do Mediterrâneo e na Europa em geral, era ainda mais favorecida, sobre as costas do sul, na África, menos na África do norte, tanto que ela não tinha, até o Neolítico, mais que duas raças. Falando, na verdade, das raças de *Homo sapiens* na África do Norte, Lantier nos diz de suas raças humanas comparáveis àquelas da Europa” São brancos do tipo Cromagnon e negroides, aos quais se juntaram, no Neolítico e sobretudo no Egito, mas em número bastante restrito, braquicefalos pardos vindos da Ásia, como o vimos. Além do mais, os ibero-maurisianos

---

<sup>17</sup> Op. cit. pp. 7.16.

<sup>18</sup> p. 167.

<sup>19</sup> p. 165.

praticavam mutilações dentárias como muitos dos povos negros na África. Voltaremos, logo mais, a esta mestiçagem, ao tratarmos da semântica sobre as palavras que, na Antiguidade greco-romana, designavam os povos norte-africanos. Tratando-se do Mediterrâneo oriental, a obra de Jean Vercouter intitulada *Essai sur les Relations entre Egyptiens et Pré-Hellènes*<sup>20</sup> vos convencerá. Em sua *Histoire de l'Orient*, Alexandre Moret tinha escrito: “A civilização de Nagada (no Egito) sendo incontestavelmente mais antiga que aquela dos iberos, parece assegurar que uma corrente de civilização partiu do Egito antes do 5º milênio e se propagou, pela África do norte, à Ibéria e, a partir de lá, para o resto do mundo mediterrâneo<sup>21</sup>...”. Não somente uma corrente de civilização, mas também de sangue com os negroides do Paleolítico superior a partir do mar Cáspio. Falam-nos do Mesolítico na Ásia, Furon aponta dolococéfalos de pequeno porte que chama de natufianos. “Seriam”, precisa ele, “mediterrâneos cromagnoides mostrando algumas características negroides, que podem ser atribuídos à mestiçagem<sup>22</sup>”. Não é de surpreender, portanto, que os pré-helenos de Vercouter tivessem a coloração pele de um “castanho avermelhado muitas vezes muito escuro<sup>23</sup>”, como os egípcios, com quem mantinham laços culturais importantes. Podemos, em conclusão, dizer que nos tempos pré-históricos, antes da chegada dos semitas, mas, sobretudo, dos albo-europeus, a mestiçagem, da qual falava Paul Rivet, já havia sido iniciada a em todo o Mediterrâneo. E que os mestiços mediterrâneos tinham, majoritariamente, a pele de um castanho avermelhado escuro, como os egípcios do Delta, como os pré-helenos.

### **Negros no sentido dos gregos e dos latinos**

No colóquio realizado em Dakar, de 19 a 23 de janeiro de 1976, sobre a África negra e o antigo mundo mediterrâneo antigo, o professor M. Martiny defendeu que “a miscigenação, elemento importante do “milagre grego”, devia ter-se dado, prioritariamente, com a mulher negra, que traz, não apenas seu duplo cromossomo X, mas alguns outros em seus cariótipos, com toda a beleza, a graça, a sutileza intuitiva da feminilidade”. Daí a atração recíproca dos contrários cada vez que duas raças, duas etnias, dois povos estão em contato. Lembrem-se apenas da mulher cuxita, isto é, da mulher negra, de Moisés, da rainha de Sabá, lançando às filhas de Jerusalém; “Sou negra e sou bela”, que é a tradução palavra por palavra do texto e não “sou negra, mas sou bela”. Ain-

---

<sup>20</sup> Paris: Librairie A. Maisonneuve.

<sup>21</sup> Presses Universitaires de France, tome premier, p. 54.

<sup>22</sup> Op. cit., p. 274.

<sup>23</sup> Op. cit. p. 103.

da hoje, no Egito, a sedutora é Yasmarouni, a nubiana de pele escura. Por outro lado, na África Negra, a sedutora é Mami Wata (do inglês *Mamy Water*), a deusa da água, que a arte popular do Senegal nos apresenta como uma grande mulher, de pele clara, com uma longa cabeleira, como uma mestiça. Tendo assim definido os negros entre as raças que povoaram os países mediterrâneos na Antiguidade, e desde a pré-história, tentarei agora situá-los, mais particularmente, no mundo greco-romano.

Mas, em primeiro lugar, o que se entende por “negros”, não mais no sentido científico, mas no sentido dos gregos e latinos? Os gregos, em geral, empregavam, no singular, a palavra *aethiops*, “au visage brûlé”, para designar o negro – ou uma palavra próxima da mesma raiz. É assim que, em sua descrição da armada de Xerxes, Heródoto emprega a mesma palavra, *aethiopes*, no plural, para designar os negro-africanos *oulotriches* “aux cheveux crépus”, que estavam no mesmo corpo da tropa que os árabes e os negros-asiáticos *ithytriches*, “aux cheveux raides”, que estavam com os indianos. Os romanos não empregavam a palavra *niger*, que era adjetivo, mas preferiam empregar, segundo sua origem, as palavras *afer*, “africano” e *indus*, “indiano”, para designar o negro. No entanto, acontecia empregar esta última palavra, particularmente na poesia e por razões prosódicas, para designar os negros africanos, com que tinham negócios, como faz lembrar a palavra grega *aethiopes* “etíopes”.

Vamos mais longe, pensando nos pré-helenos de Vercoutter. Na verdade, *aethiops* originalmente significa, não “negro”, mas “vermelho escuro”, como o vinho, exatamente a cor dos nativos que os gregos encontraram no país e nas ilhas que se tornariam a Grécia. Foi, portanto, a partir destes pré-helenos, que eram de fato *aethiopes*, que aplicaram a palavra a todos os homens com pele mais ou menos negra.

Resta a palavra latina *maurus*, que é questionada em mais de um título. A palavra vem do grego *mauros*, cujo sentido etimológico é “de cor escura”. O que significa que os antigos gregos viam como não brancos os habitantes do Magreb, ou seja, o conjunto dos países do noroeste da África, que compreende, hoje, o Marrocos, a Argélia e a Tunísia. Continuando, ainda a esse respeito, os gregos não viam como brancos os habitantes do Egito e da Líbia. Não é um acaso que Heródoto escreve, a propósito dos cólquidas, que eles são de origem egípcia “d’abord, parce qu’ils ont la peau noire et les cheveux crépus<sup>24</sup>”. Se a palavra *maurus* terminou, sob o Império, por ser sinônimo (de *aethiops*) de *niger*, nem sempre foi assim, e autores romanos, mas, sobretudo gregos, nos mostraram, em *Mauroussia* ou *Mauretania*, “etíopes” vivendo ao lado de “mouros”. Eu vos remeto à antologia de R. Roget e S. Gsell, intitulada *Maroc chez les*

---

<sup>24</sup> Heródoto, II, 104.



*auteurs anciens*<sup>25</sup>. De acordo com diferentes testemunhos, parece que a porcentagem de negros em Roma era muito maior do que é hoje, em Paris. O que é, igualmente, importante. E exerciam ofícios ou profissões de grande diversidade. Eles eram soldados, lutadores, boxeadores, atores, estudantes, pedagogos, até mesmo escritores, servindo religiões orientais ou exóticas, como veremos. Mas em Atenas, indagação, na Grécia? Se os negros, nas épocas clássicas de ambas as cidades, foram menos numerosos em Atenas e na Grécia do que em Roma e na Itália, não era que os gregos fossem menos curiosos que os romanos; era porque eles foram menos conquistadores. No capítulo intitulado *Les Nègres en Grèce*<sup>26</sup>, Alain Bourgeois nos mostrou como, desde Homero até os Ptolomeus, os gregos – tanto na Sicília, da Grande Grécia e das colônias da África quanto da Grécia, especificamente falando – estiveram abertos aos os negros, que, como depois, em Roma, viveram entre eles, exercendo vários ofícios. Parece que havia menos escravos na Grécia do que na Itália. É verdade que, até os últimos anos, os preconceitos europeus têm visto escravos em toda parte, em obras de arte que representam *negros*, enquanto textos literários provam claramente que os latinos, mas, sobretudo, os gregos, se pecaram contra os negros, era muito mais por simpatia. Sem falar, ainda, de seu papel civilizador, Heródoto, o pai da história, os apresenta como “grands et beaux hommes”<sup>27</sup> e Scylax nos disse, em seu *Périple*, que “ceux de l’Occident on plus de quatre coudées”. A presença de negros no mundo grego, depois na República, mas especialmente no Império Romano deve-se, em parte, ao fato da *colonização*. É o mesmo fenômeno que, no século XX, como no século XIX, ocorreu nos impérios britânico e francês. Não é mais que para lembrar como, a partir do ano 264 a.C., Roma se lança na conquista da bacia mediterrânea, e que os combates mais ferozes aconteceram na África, particularmente contra os berberes – númidas e “mourous” – mas sobretudo contra os negros. É ao sul do Egito, em sua fronteira com a Núbia, então chamada “Etiópia”, que o Império Romano, herdeiro dos Ptolomeus, conheceu as piores dificuldades com os núbios, apresentados sob diferentes nomes – blemmyes, nobates, nobades – que, ao que parece, designavam diferentes etnias de um mesmo povo. Desde o reinado de Augusto até o século VI d.C., o exército romano, mesmo sob o Império Romano do Oriente, nunca deixou guerrear, de uma forma ou de outra, contra os formidáveis guerreiros núbios, cujos ancestrais tinham formado a elite do exército egípcio sob os faraós.

Vou mencionar, entre outras, a campanha de Cornelius Gallus, primeiro governador do Egito, mas, sobretudo, as duas campanhas de C. Petronius, em 22

---

<sup>25</sup> Paris: Les Belles Lettres, 1924.

<sup>26</sup> Op. cit., pp. 81-125.

<sup>27</sup> III, 114.

e 24 a.C. Não é por acaso que Augusto entregou os tributos que havia imposto aos núbios e, como Diocleciano, no século III d.C., decidiu pagar subsídios anuais aos nobades e aos blemmyes.

Não voltarei às guerras púnicas. Essas guerras levaram à conquista e depois à romanização, longas e difíceis, do noroeste da África, agora o Magreb. Por isso o europeu ocidental, o roumi, ou seja, o “romano”, permaneceu, durante séculos, o antagonista.

É deste noroeste da África, dividido em muitas províncias, que os romanos lançaram, no século I d.C., duas expedições em direção à África negra. Em 86, Septimus Flaccus, *legatus Augusti propraetore*, partindo da Líbia, à frente de uma coluna romana, avançou por três meses em direção ao sul, em território dos negros. Mas a missão mais famosa é aquela liderada por Julius Maternus, que, deixando Leptis Magna, atravessou o país dos garamantes para chegar a Agisimba, um país habitado por negros e rinocerontes. É geralmente aceito que se trata de um país sudano-saheliano.

Mais convincentes do que essas expedições, repassadas no folclore dos especialistas, parecem-me ser os numerosos fatos que provam uma presença bastante numerosa dos negros no Império romano, e primeiro nas províncias da África do Norte, desde o Egito até a *Mauritânia Tingitana*. Mesmo hoje, há populações negras ao sul de todos os países da África do norte, do Alto Egito às margens do rio Draa, no Marrocos.

Para o Egito, não vou me debruçar sobre o testemunho dos quatro grandes historiadores gregos – Heródoto, Agatárquides de Cnido, Diodoro da Sicília e Estrabão – que visitaram a Grécia e sobre os quais se apoia, essencialmente, a tese de doutorado de Engelbert Mveng<sup>28</sup>. Não voltarei nem ao povoamento do antigo Marrocos, da *Mauroussia* dos gregos, à *Mauretania* dos romanos. Prefiro me deter um pouco na Líbia, sobre a população da qual examinaram e discutiram, depois de Plínio o Velho e Ptolomeu, muitos africanistas do século XX, dentre os quais Gsell, Desanges, Bates, Montet, Lhote, Cornevin e Tadeus Gostynsky.

Este último fez, no último ano, uma atualização sobre o problema em um longo artigo de mais de 100 páginas intitulado *La Libye antique et ses relations avec* 27. Ele distingue “quatro grupos principais de tribos que coabitam”. “O primeiro grupo”, diz ele, “que deveria ser considerado como autóctone, era formado pela mistura de pessoas de origem africana de raça com pessoas de origem mediterrânea. Três outros grupos pertenciam à raça branca”. Mas

---

<sup>28</sup> *Op. cit.*, pp. 3541 et 147-199.

Gostynsky nos diz, mais à frente, que essa população do primeiro grupo autóctone, os mestiços, era numericamente “a mais importante”. Naturalmente, havia negros puros com tez que variava de ébano a marrom escuro. Na verdade, Gostynsky tinha observado, anteriormente: “Podemos constatar que os homens da raça negra chegaram até o litoral mediterrâneo, os homens brancos penetraram até o coração do Saara, que uns e outros viviam simultaneamente nos mesmos lugares, em uma promiscuidade, e que as misturas entre eles eram constantes”.

Enfim, começamos a abandonar as ideias que prevaleceram no século XIX e que, na década de 1920, continuaram a nos ensinar, na escola francesa, falando de “África branca” e de “África Negra”, pior, falando como se os egípcios da Antiguidade, para não mencionar os indianos, fossem “brancos”. Nada é mais significativo a este respeito do que as palavras “leuco-etíopes” empregadas por Plínio e aquela de “Melano Getules”, por Ptolomeu. A verdade, mais uma vez, e para retornar a Gostynsky, é que, em toda a África do norte, a maioria da população era “moura”, mestiça de berberes e de negros.

Para concluir sobre a população, mais precisamente, sobre etnias, e como Snowden apontou, muitas obras de arte, exumadas de cidades antigas – Cartago, Leptis Magna, Hipona, Thamgade, Alexandria etc –, bem como obras literárias testemunham além da mestiçagem, a presença de negros em toda África do norte.

### **Parentesco das línguas mediterrâneas**

Isto não se aplica apenas à população, mas também à língua, às línguas, das quais gostaria de falar brevemente.

Abrindo o *Colloque sur l’Afrique noire et le Monde méditerranéen*, em 19 de janeiro de 1976, defendi a tese de um parentesco que existiria entre as línguas mediterrâneas, muito exatamente pré-indo-europeias, e as línguas negras africanas. Eu falo de línguas bem conhecidas, como basco, berbere, copta, egípcio antigo, mas também sumério e elamita. Aqui, novamente, retomei apenas, invertendo-as, as teses que finalmente se encontram, dos meus antigos professores: sempre do Dr. Rivet, mas sobretudo da Srta. Lílias Homburger, que ensinava a linguística negro-africana na École Pratique des Hautes Études.

Mais do que vocabulário, que se empresta facilmente, veja-se a sintaxe, eu me apoio, sobretudo, sobre a morfologia. Eu mencionarei apenas cinco exemplos de caracteres comuns que podem ser enunciados da seguinte maneira:

- 1) raízes primárias biliterais;
- 2) ausência da distinção essencial entre o substantivo e o verbo;
- 3) classes nominais;
- 4) ausência de inflexão nominal ou verbal e, conseqüentemente, abundância de afixos;
- 5) preponderância do aspecto sobre o tempo, como dos aspectos imperfeito e perfeito sobre todos os outros.

O que é notável é que cada uma das seis línguas listadas acima possui, pelo menos, dois dos cinco caracteres comuns que aqui estão. Por causa do parentesco antropológico, encontramos as mesmas similitudes em línguas dravidianas e oceânicas, de fato, é necessário crer em Rivet e Alexander von Wutheneau, em algumas línguas de América pré-colombiana.

Refiro-me, portanto, a dois estudos do Dr. Rivet, intitulados, respectivamente *Le Groupe océanien*<sup>29</sup> e *Sumérien et Océanien*<sup>30</sup>, bem como à obra de Lilius Homburger intitulada *Les langues négro-africaines et les Peuples qui les parlent*, onde o último capítulo se intitula “De l’Origine égyptienne des Langues négro-africaines”. Assim, revertendo as teses de meus antigos mestres, defendo que, longe de derivar do “oceânico” ou do antigo egípcio, as línguas negro-africanas são autóctones e que é sobretudo delas teriam saído, em parte, as línguas pré-indo-europeias do Mediterrâneo. Mais exatamente, todas essas línguas – negro-africanas e mediterrâneas – teriam vindo de um “etíope comum”. É para verificar essa hipótese que começamos a especializar pesquisadores senegaleses nas línguas do Mediterrâneo, mas também nas línguas dravidianas da Índia. Mais exatamente ainda, as línguas mediterrâneas seriam línguas mestiças, que teriam emprestado muito do antigo etíope. Nada esclarece melhor esta hipótese do que o artigo de Theophilus Obenga, intitulado *Egyptien ancien et Négro-Africain*<sup>31</sup>.

### **Lugar e papel dos negros na Antiguidade, singularmente na sociedade greco-romana**

Tendo, assim, situado os negros e seus mestiços no mundo greco-romano, particularmente entre as etnias do Norte da África, gostaria, agora, de precisar seu lugar e expor seu papel na sociedade. Partirei do domínio mais exte-

---

<sup>29</sup> *Bulletin de la Société de Linguistique*. Paris, tome XXVII, fasc. 3, 1927, pp. 141-168.

<sup>30</sup> Champion, Paris, 1929.

<sup>31</sup> *Cahiers Ferdinand de Saussure*, tome 27 (1971-1972). (31) Eschyle dans *Ethiopie ou Memnon*.

rior, o exército, para, através do circo, do teatro e da literatura, chegar à religião, onde desempenharam um papel mais importante do que geralmente se acredita.

Na medida em que voltamos à história dos povos mediterrâneos, e desde a Guerra de Tróia, para não mencionar as guerras faraônicas contra os asiáticos, encontramos negros e seus mestiços nos exércitos que se enfrentam, porque os negros fazem parte deste mundo, como vimos, mas também porque são bons soldados. Há Memnon, o guerreiro negro cuja “beleza despertou admiração” (31) e que, à frente de um contingente de soldados etíopes, veio em socorro dos troianos sitiados. E, morto por Aquiles, foi cantado sucessivamente por Homero, pelos trágicos e pelos poetas líricos gregos. Por outro lado, no exército de Xerxes, se acreditarmos em Ésquilo, nos Persas, havia um contingente de 30.000 cavaleiros negros. De acordo com Tito Lívio, são 11.000 soldados de infantaria negros que Hannibal confia a seu irmão Hasdrubal, sem mencionar uma tropa mista composta de negros, púnicos e mouros<sup>32</sup>. É nas Guerras Púnicas que, depois de ter tido, contra eles, soldados negros – sujeitos, aliados e mercenários de Cartago, uma vez que havia as três situações – os romanos empregavam-lhes, por sua vez, e com o mesmo status. Os testemunhos são, aqui, numerosos. Eles vêm da arte como literatura, e, nela, dos poetas como dos historiadores ou analistas. Pode-se citar, entre outros, Tito Lívio, Salústio, Tácito, Luciano, Heliodoro, Ammiano Marcelino, Pacatus, Horácio e Marcial.

No que concerne aos exércitos de Cartago, havia os cartagineses (*poeni ou carthaginenses*) e, ao lado deles, não somente os negros (*afri ou aetiopes*), mas ainda os númidas (*numidi*) e os “mouros” (*mauri*). Os negros eram preferencialmente empregados como soldados de infantaria ou cuidadores e condutores de elefantes. Como soldados de infantaria, eles eram conhecidos por sua habilidade em usar flechas e dardos.

Quanto ao exército romano, ele aprendera com os cartagineses como usar as tropas africanas, conhecimento ao qual ela devia, ao longo dos séculos, adicionar sua própria experiência. Ele empregava, então, ao lado, ao lado dos númidas, mas, sobretudo, dos mouros, negros de todas as partes do Império. Ele os empregava nas mesmas funções, exceto que os cuidadores e condutores de elefantes dos exércitos cartagineses, que foram substituídos por cavaleiros.

Qual era a importância das tropas negras e para onde elas foram enviadas de preferência?

---

<sup>32</sup> Tito Lívio, XXI, 22, 23.



Digamos, primeiro, que apesar de terem observado as diferenças entre *aethiopes*, *numidi* e mouros, para emprega-los de forma mais eficaz de acordo com suas habilidades, como o testemunha a famosa passagem de Heliodoro sobre o método dos etíopes no combate<sup>33</sup>, que se pintavam de cores vivas e dançavam antes da luta, ou Tácito sobre aquela dos mouros<sup>34</sup>, os antigos, dentre os romanos, não tinham preconceitos raciais, consideraram-nos como soldados africanos e tiveram as mesmas reações a seu respeito. Ao nos relatar as queixas dos locrianos contra uma guarnição deixada em sua cidade por Hannibal, Tito Lívio escreveu: “ Nous, pendant que nous avions une garnison punique dans notre citadelle, nous avions subi de nombreux sévices, odieux et abominables<sup>35</sup>...”.

Dito isso, qual era, então, a importância das tropas negras no exército romano? Uma vez mais, é necessário sempre recoloca-las em um contexto africano e entre as tropas africanas, nômadas ou mouras. Mesmo assim, parece que os romanos, como os persas e os cartagineses, empregavam contingentes não negligenciáveis de soldados negros, isolados ou em guarnições. E os oficiais não deviam ser raros, como o provam algumas descrições. Foi nisso que eles se distinguiram dos gregos, até mesmo dos Ptolomeus, que não tinham se servido muito das tropas negras.

Esses negros, entre os africanos, deviam ainda ser mais numerosos, pois os testemunhos, literários e artísticos, não são raros. Eles são encontrados de uma extremidade à outra do Império: em todas as províncias da África, é claro, e em Roma, mas também nas fronteiras do império e, de modo geral, onde quer que se combatesse: na Bretanha, no Oriente, na Grécia, na Dacia, como o testemunham os arcos triunfais, particularmente aqueles de Trajano, Septímio Severo e Constantino.

### **Panem et circenses**

Do exército, passemos ao esporte. Na Grécia, os esportes foram integrados em festivais religiosos, de uma maneira que lembra um pouco a África negra, e isso não foi uma coincidência, como veremos, enquanto em Roma, como hoje nos países desenvolvidos, os esportes eram atividades seculares.

Sob o Império romano e ao final de sua evolução, o esporte tinha assumido duas formas muito distintas: por um lado, a forma nobre das elites, com banhos, natação, jogos de bola etc., por outro lado, a forma popular. Esta, que

---

<sup>33</sup> Heliodoro, *Aethiopica*, 9.16, 19.

<sup>34</sup> *Histórias*, II, 58.

<sup>35</sup> Tito Lívio, XXIX, 17,5.

realizava espetáculo, encontrava seu lugar natural nos circos, onde se realizaram as sessões de luta e de boxe, mas principalmente as corridas de bigas, os combates dos gladiadores e outras naumaquias. Conhecemos slogan-programa do povo à época da decadência moral: *Panem et circenses*, “Pão e jogos!” ...

Não é de surpreender que encontremos os negros no domínio dos esportes, como os tínhamos encontrado no exército. Ainda hoje, os negros africanos mais belicosos, ou apenas os melhores soldados, se encontram, como as duas últimas guerras mundiais provaram, entre os sudano-sahelianos e os norte-africanos, descendentes dos mouros e nômadas. Eles também são os melhores esportistas, hoje como na Antiguidade. Especialmente desde então, passamos facilmente do exército para o esporte de combate, singularmente o boxe. Os prisioneiros estavam, naturalmente, preparados.

Aqui, novamente, temos muitos testemunhos literários e artísticos, que confirmam a presença de negros – e, naturalmente, de seus mestiços – nos esportes. É sobre esse tema e aquele, próximo, do teatro, que Snowden escreveu, em *Blacks in Antiquity*, um de seus melhores capítulos.

Na Grécia, os negros participaram tanto mais nas manifestações esportivas que, como vimos, foram integrados na religião. Assim, o Museu Nacional de Atenas nos apresenta, muito entusiasmadamente, um bronze artemísio do terceiro século a.C. que representa um jockey negro, e ainda no British Museum, um cântaro reproduz a cabeça de um jovem negro coroado com folhas de oliveira: um vencedor provavelmente nos jogos olímpicos. As autoridades romanas – imperadores e edis – não deixaram de apreciar as habilidades esportivas dos negros, como o provam, entre outras, estas linhas de Plínio, o Velho “ On sait par les Annales que, sous le consulat de M. Pison et de M. Messala, Domitius Ahenobarbus, édile curule, a fait produire, au cirque, cent ours de Numidi et autant de chasseurs noirs<sup>36</sup>”. Penso, ainda, neste lutador descrito por Marcial: “ nez camus, lèvres épaisses<sup>37</sup>”. É claro que sempre será possível me retrucar: “Há brancos que têm o “nariz camuflado” e os “lábios grossos”. Ao que eu responderei: “Claro, desde que nos lembremos da sentença do Dr. Rivet”. Mas aqui está o que é mais convincente. Plínio, em sua *História Natural*, cita um célebre pugilista negro, mais precisamente mestiço. Ele escreve: “Un exemple incontestable nous est donné par le célèbre pugiliste Nicée, originaire de Byzance: sa mère, qui était née d’un adultère commis avec un Ethiopien, ne différait aucunement des autres par sa couleur, mais reproduisait fidèlement son grand-père, l’Ethiopien<sup>38</sup>”.

---

<sup>36</sup> *Histoire naturelle*, 54, 131.

<sup>37</sup> VI, 39, 8, 9.

<sup>38</sup> *Histoire naturelle*, VII, 12, 51.

Eis, para o Império romano, testemunhos literários entre os mais significativos. Os testemunhos artísticos são ainda mais numerosos. Eu mencionarei apenas alguns. Tem-se, no British Museum, entre duas terracotas representando dois pugilistas negros<sup>39</sup>; no Museu Arqueológico Nacional de Paestum, um afresco representando um pugilato, negro contra branco<sup>40</sup>; em Thina, na Tunísia, um mosaico representando quatro lutadores, um dos quais, segundo Desanges, é “francamente melanodermo<sup>41</sup>”; no Museu Nacional de Nápoles, um baixo-relevo de Herculano, que mostra um homem negro conduzindo uma biga, inclinando-se para frente e com rédeas nas mãos<sup>42</sup>. Até a natação, onde numerosas obras de arte provam que os negros não estavam ausentes, como hoje. Encontra-se ainda, em Paris, na Biblioteca Nacional, um raspador de bronze que nos mostra um negro nadando<sup>43</sup>; Finalmente, há muitos mosaicos em Pompeia e em Óstia que apresentam a mesma imagem.

### Le théâtre

Do circo, passamos facilmente ao teatro pelos gêneros intermediários que são a *mímica*, a *dança* e a *música*. Aqui, novamente, os negros estão em seus domínios, como se vê, hoje, nos Estados Unidos. Seria artificial, para os gêneros intermediários, distinguir a civilização grega da romana. Especialmente desde que a civilização alexandrina e a da Magna Grécia, que produziram algumas das obras de arte que irei citar, fizeram uma junção harmoniosa entre a civilização de Atenas e a de Roma.

Por *mímicas*, quero dizer, não apenas os atores que falam por seus gestos e por todo o corpo, mas também os acrobatas e malabaristas. Como aqueles equilibristas negros, que, no British Museum (44) e no Museu Nacional de Roma<sup>44</sup>, estão de pé, balançando, sobre um crocodilo. Como, ainda, este acrobata em terracota, de pé em uma perna, que no Museu do Estado de Berlim Oriental faz malabarismos com três bolas.

Naturalmente, vários dançarinos negros foram estatuados, dos quais encontramos imagens de bronze no Museu Nacional de Nápoles, em Baltimore, em Orleans, em Carnuntum, na Áustria; Frank Snowden comentou sobre este

---

<sup>39</sup> N° 1.852.

<sup>40</sup> No 21.522.

<sup>41</sup> *L'Image du Noir dans l'Art occidental*. Bibliothèque des Arts, I, Paris, p. 260.

<sup>42</sup> N° 6.692.

<sup>43</sup> N° 1.017.

<sup>44</sup> N° 40.809.

último bronze: “Pousando todo o peso de seu corpo no pé esquerdo, a perna direita jogada para trás, os braços estendidos, o dançarino parece em busca de seu prumo<sup>45</sup>.”

Em Nigritia, não há dança sem música, nem que seja por um instrumento de percussão como o tam-tam, que nunca deixa, com sua batida o negro sem dançar, mesmo na América e, com mais razão, antigamente, no Império romano. Como o disse Georges Hardy, antigo “Inspetor Geral de Educação” na África Ocidental francesa, “um negro”, por mais evoluído que seja, sempre estremece ao som do tam-tam. Ele argumentava contra os negros africanos; o que, no Quartier Latin, entre as duas guerras mundiais, falávamos, em sentido contrário, para defender os valores da *negritude*, cujo ritmo faz paralelismos assimétricos, que – não por acaso – encontra-se em toda a África do norte, mas também no Oriente Médio, e primeiro no Egito, e ainda hoje.

Marcial nos aponta uma garota, *nigra*, que teria por verdadeiro pai o flautista negro Chorus<sup>46</sup>. Além disso, temos várias imagens, se não retratos, de músicos negros. É o caso, em Paris, do jovem músico de bronze da Biblioteca Nacional<sup>47</sup>, chamado “Le petit Musicien Barberini”, de outro, em basalto, do Museu Nacional de Atenas, de outro ainda, em bronze, em Saint-Germain-en-Laye, perto de Paris<sup>48</sup>.

É hora de passarmos ao teatro propriamente dito: aos autores, mas também aos atores. Naturalmente, encontraremos menos autores do que atores. Mais uma vez, é bom fazer a comparação com os impérios coloniais. Quantos dramaturgos negros tinham na França antes da Segunda Guerra Mundial? Apenas um, Aimé Césaire, se falarmos de negros de pele escura, quatro se, com os dois Dumas e Colette, se acrescenta o mestiço. Em Roma havia Terêncio, único, mas um dramaturgo de gênio. Por enquanto, não vou falar mais sobre Terêncio, propondo-me voltar sobre este tema ao tratar da literatura.

Em relação aos atores, encontramos, na Grécia, máscaras representando negros. Como havia esportistas negros e muitas obras de arte representando negros, dentre as quais estatuetas, vasos, joias, mas também máscaras, é permitido pensar que, para interpretar papéis de negros, como em *Etiopia* ou *Mêmnon* de Ésquilo, *Os etíopes* ou *Mêmnon* de Sófocles, utilizava-se atores negros com máscaras.

---

<sup>45</sup> *L'Image du Noir dans l'Art occidental*, 1, p. 210.

<sup>46</sup> VI, 39, 18-19.

<sup>47</sup> N° 1.009.

<sup>48</sup> N° 818.

Em Roma, como sabemos, os atores negros eram muito mais numerosos. Suetônio nos indica, por exemplo, que no mesmo dia do assassinato de Calígula, “ on préparait, pour la soirée, un spectacle où le sujet était illustré par des Egyptiens et des Noirs<sup>49</sup>”. Entre os atores negros do Império, o mais conhecido é, certamente, Glycon. Se Persius, em suas sátiras<sup>50</sup>, não faz mais que mencionar, em contrapartida, um de seus comentaristas nos fornece duas preciosas informações que aqui vão: libertado por Nero, ele tinha um grande porte, uma tez negra e um lábio inferior pendurado. Glycon, imaginamos, não foi o único ator negro no Império romano. Mais uma vez, as obras vêm em nosso socorro. É, por exemplo, esse ator negro em mármore branco, tamanho real, que Snowden nos fala, no Museu Nacional de Nápoles<sup>51</sup>. É sobretudo esta estatueta, em bronze, de um ator flíaco, isto é, comediante, que nos indica, em Houston, o mesmo pesquisador e cuja “expressão intensa, extática, a torção do corpo, levam a pensar que executa uma dança guerreira<sup>52</sup>”.

Como pensamos, os espectadores negros, sempre aficionados por espetáculos, eram mais numerosos que os atores. Quando Nero, nos diz Dion Cassio em seu Epítome, recebe Tiridate, rei da Armênia, ele mostra “ une telle magnificence et une telle prodigalité qu’un certain jour, il ne vint au théâtre que des Ethiopiens, hommes, femmes et enfants<sup>53</sup>”.

### Literatura e Religião

Voltando à Literatura, eu diria que não encontramos um dramaturgo negro no mundo grego, se alguns autores nos apresentaram Esopo, o fabulista, não exatamente como um africano – era um frígio –, mas como um negro. E, devo admitir, a tese é ainda mais atraente do que suas fábulas, que têm o sabor de fábulas negras; como escreveu Alain Bourgeois, seu nome grego *Aisôpos* poderia derivar de *Aithiops/Aithiops*<sup>54</sup>.

Mas, passando para Roma, voltemos a Terêncio. Parece muito que este *cognomen* de Afer não foi dado ao acaso. Especialmente desde que Suetônio, em sua *Vita Terenti*, descreve-o como *colore fusco*, “de cor negra”. Mas qual é, em latim, é o significado exato do *fuscus*? Ele me aparece, sem inequívoco, no uso

---

<sup>49</sup> *Caligula*, LVII, 10.

<sup>50</sup> V, 9.

<sup>51</sup> *Black in Antiquity*, p. 250.

<sup>52</sup> *L’Image du Noir dans l’Art occidental*, I, p. 229.

<sup>53</sup> LXII, 63, 3.

<sup>54</sup> *Op. cit.*, pp. 108-109.



que dele fizeram os poetas latinos, por razões prosódicas, como *indus*. É assim que Virgílio qualifica a Noite na *Eneida*<sup>55</sup> e Amintas nas *Bucólicas*<sup>56</sup>. Assim como Tibulo nos apresenta os indianos<sup>57</sup>, e Ovídio Andrômeda<sup>58</sup>, sem mencionar Propércio, que opõe a uma garota *colore fusco* a uma branca<sup>59</sup>. A causa é informada. Terêncio, nascido em Cartago, tinha uma tez castanha escura. A coisa mais picante neste caso, é que esse escravo africano, pelo menos um mulato, libertado pelo senador Terêncio Lucano, tinha recebido do mesmo uma educação aristocrática. Nutrido com letras gregas, ele será um dos escritores latinos mais helenizados. Não é por acaso que, à sutileza grega, ele tenha acrescentado o dom negro da emoção e tudo numa simbiose harmoniosa.

Se Terêncio foi o mais ilustre escritor latino-americano de cor, ele não foi o único se acreditamos nos testemunhos literários e artísticos. Há, entre os oradores, representados por vários bronzes, o famoso Domitius Afer, que tinha, segundo Tácito, “ parvenu aux charges les plus hautes et doué d’une grande éloquence “, e que Quintiliano nos apresenta como um “ très grand orateur “. Se falo da arte oratória, é porque em Roma ela fazia parte da literatura. Não vou esquecer o célebre Mêmnon, o africano. Nós o conhecemos por Filóstrato, que, em sua *Vida de Apolônio de Tiana*, nos diz “ pupille du sophiste Hérode Atticus” e “ de race éthiopienne”. Snowden diz-nos que “ nós temos”, de Mêmnon, “ um retrato conservado em Berlim Oriental” e que, se Herodes Atticus o tinha “ tomado por filho adotivo” era por “ sua diligência para o estudo<sup>60</sup>”.

Com a religião, nos aproximamos da última etapa de nosso panorama, que nos dará a chave para o problema. Esse problema é, eu o lembro, não apenas o lugar, mas, mais importante, o *papel* dos negros na Antiguidade mediterrânea. É por isso que, seguindo o oposto do que fiz até agora, partirei de Roma para remontar à África negra, através das mediações da Grécia e do Egito.

A religião romana, como sabemos, era uma religião da cidade. Ela não admitia estrangeiros. Além disso, ela não fazia proselitismo. É por isso que quando Augusto, em sua obra de restauração, quis retornar aos *mores majorum*, aos “ costumes dos ancestrais”, perseguiu os fiéis, mas sobretudo serviu-os das religiões exóticas. Eles foram acusados de superstição e os cóquidas foram considerados os maiores mágicos. Nada prova tanto a importância das religiões e, portanto, da magia africana em Roma que a própria literatura latina,

---

<sup>55</sup> VIII, 369.

<sup>56</sup> X, 38.

<sup>57</sup> II, 3, 55.

<sup>58</sup> *Heroides*, XV, 36.

<sup>59</sup> II, 25, 43.

<sup>60</sup> *L’Image du Noir dans l’Art occidental*, I, p. 238.

como o mostra a tese de Anne-Marie Tupet, intitulada *La Magie dans la poésie latine*<sup>61</sup> e que a Escola de Dakar saudou com alegria. No capítulo II, intitulado “Os Deuses dos Magos”, a Sra. Tupet observa que “as terras da magia por excelência são o Egito e os países do Oriente Médio”.

Quais eram essas religiões exóticas? A resposta é ainda mais difícil de precisar quando se tratava de cultos esotéricos, provenientes da Ásia, mas, sobretudo, da África, cuja doutrina só foi revelada aos iniciados. Entre esses cultos, o mais famoso era o de Isis, importado do Egito. Seria necessário, sem dúvida, acrescentar aquele de Tanit, a grande deusa cartaginesa.

O que eu gostaria de enfatizar aqui é o importante papel desempenhado pelos negros nesses cultos, cuja arte nos dá mais de um testemunho, como mostram Frank Snowden e Jean Leclant em *L'Image du Noir dans l'Art occidental*. Vou me ater apenas a três obras, e primeiro dois afrescos do Museu Nacional de Nápoles, representando cerimônias isíacas<sup>62</sup>. Reconhecemos aí os negros, escreve Snowden, no “brilho de suas longas túnicas brancas, enfatizadas pela pele negra dos torsos nus<sup>63</sup>”, mas também o importante papel que parecem desempenhar. Vemos nos dois afrescos, entre outros papéis, um tocador de flauta e um dançarino. Mas sabemos, como observa Leclant, que “o culto foi frequentemente estabelecido por autênticos sacerdotes egípcios”, ou seja, negros, acrescentaria. A terceira obra é precisamente um relevo funerário de Arricia representando uma dança executada durante uma cerimônia isíaca<sup>64</sup>. Leclant reconheceu algumas personagens do “tipo negróide bastante caracterizado”, que enfatiza uma curvatura característica.

### Presença dos “Etíopes”

Por que tão frequentemente negros nos cultos ditos “orientais” e por que ocupar papéis tão significativos como os de sacerdote, músico e dançarino? Digamos, primeiro, que antes de se espalhar para Roma, o hábito havia sido tomado na África e na Ásia. Para me deter na África, observei que a sacerdotisa de Tanit, descoberta em Cartago, em um sarcófago, era uma negra<sup>65</sup>. E Virgílio, no Livro IV da *Eneida*, evoca a figura de uma sacerdotisa vinda do país dos etíopes: “Venue de là, on m’a signalé une prêtresse de race massylienne”,

---

<sup>61</sup> Service de Reproduction des Thèses, Université de Lille III, 1976.

<sup>62</sup> *Op. cit.*, pp. 222 et 223.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 224.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 282.

<sup>65</sup> Cf. E. Pittard: *Les Races et l'Histoire*. Paris: Renaissance du Livre, p. 410.

“Gardienne du temple des Hespérides, qui préparait les repas « du dragon et veillait sur les rameaux de l’arbre sacré en répandant du miel liquide et des pavots somnifères<sup>66</sup>” .

Por que esses negros nas cerimônias do culto de Isis? Minha primeira resposta é que a própria Isis é, frequentemente, representada como uma mulher negra, como o Egito ou a África. Leclant, apontando “várias estátuas romanas de Isis em pedra negra<sup>67</sup>”, apresenta a estátua de Ísis do Museu Gregoriano da villa Adriana. Indo mais longe, direi que, como a própria civilização, a religião egípcia veio da Etiópia, isto é, da Núbia. Na verdade, Diodoro da Sicília, que se informou junto aos sacerdotes egípcios e informantes núbios, escreve: “Les Egyptiens ne sont qu’une colonie éthiopienne conduite par Osiris<sup>68</sup>”. E ainda: “Les rois honorés comme des dieux, le soins pris aux funérailles des morts et beaucoup d’autres rites sont des institutions éthiopiennes. Enfin, le sens attaché aux images sculptées et; le type de lettres égyptiennes seraient également empruntées aux Ethiopiens<sup>69</sup>”. Mas aqui estão as linhas essenciais: “Ils (les prêtres) disent qu’ils (les Ethiopiens) furent les premiers à apprendre à honorer les dieux et à organiser des sacrifices, des fêtes, des processions et autres rites par lesquels les hommes honorent la divinité; et qu’en conséquence, leur piété a été proclamée partout parmi les hommes, et il est généralement admis que les sacrifices préparés par les Ethiopiens sont les plus agréables aux dieux. Comme preuve, ils en appellent au témoignage du poète qui est peut-être le plus vénéré parmi les Grecs, car, dans *l’Iliade*, il représente Zeus et le reste des dieux absents, en visite en Ethiopie pour partager les sacrifices et le banquet qui étaient données, chaque année, par les Ethiopiens à tous les dieux réunis<sup>70</sup>” .

Assim, então, de acordo com Diodoro e outros escritores gregos – incluindo Homero, Hesíodo, Heródoto e Heliodoro –, os etíopes inventaram a religião, a arte e a escrita. Não é de se surpreender, então, que na mitologia grega, da qual os romanos herdaram parte, encontremos deuses e heróis negros: Delfos, Andrômeda, Cefeu, Perseu, Memmon, Circe, Cibele. Lembremo-nos, sobretudo, de Circe, a sacerdotisa, e Cibele, deusa da fertilidade, que tinha sido, desde a pré-história, homenageada sob as expressões de “Grande Mãe”, “Grande Deusa” e “Mãe dos Deuses”. Até o próprio Zeus, a quem os habitantes de Chio deram o sobrenome de Aithiops, “o etíope” .

---

<sup>66</sup> *Eneida*, IV, 483-486.

<sup>67</sup> *Le Noir dans l’Art occidental*, I, p. 283

<sup>68</sup> III, 3.

<sup>69</sup> III, 3.

<sup>70</sup> III, .3.

Eu sei que muitos desses deuses e heróis, se não todos, têm uma espécie de força dupla: africana e asiática, negra e branca. Vou simplesmente ressaltar que os negros habitavam também na Ásia, como na África, como vários escritores antigos apontaram. Mas a coisa mais curiosa sobre tudo isso é que os romanos, paradoxalmente e sob a influência, sem dúvida, de sua maior africanização – desde que chegaram ao ponto de ter um imperador mestiço, Septímio Severo, e um papa um papa negro no século IV d.C. – acentuaram o caráter negro de alguns deuses e heróis, como Mêmnon e Ísis.

Vamos ainda mais longe. Leclant escreve: “A origem das virgens negras da Idade Média é muito controversa: queríamos ver uma sobrevivência das representações de Ísis amamentando ou carregando Horus sobre seus joelhos”. E recentemente, ainda, na mensal e muito mundana *Marie-France* de Paris, Elisabeth Morel dedicava várias páginas da edição de dezembro de 1976 a “Mistério das virgens negras”. Aqui também, é necessário remontar a Ísis, mas isso não é suficiente. No espaço, remontaremos, para além do Egito, à África negra e, no tempo, ao início do Paleolítico superior, ou seja, para o Aurignaciano, onde a estatuária fez sua aparição portando as características da “arte negra”: aquelas da imagem simbólica e ritmo feito de paralelismos acentuados e frequentemente assimétricos. Como aprendemos com Henri Breuil e Raymond Lantier<sup>71</sup>, mas especialmente Luce Passemard<sup>72</sup>, em 1959, havia quarenta estatuetas aurignacianas na Europa e na Sibéria. Reencontramos, nelas, os traços característicos da arte negra que acabo de mencionar, eu quero dizer, além do *simbolismo da fertilidade*, a estilização do ritmo negro com a “esteatopigia”, “os cabelos” à moda núbia” e as “tatuagens geométricas.” Reencontraremos este simbolismo e esta estilização em torno de todo o Mediterrâneo, até o Neolítico, ou mesmo os tempos históricos. Eis, na minha opinião, a origem da Virgem Negra, herdeira das “estátuas de fertilidade”, que os negroides começaram a esculpir a partir do aurignaciano e que os negros africanos continuaram a esculpir até o século XX.

A título de conclusão, gostaria de lembrar que a ciência e a filosofia, se não a religião, gregas, nasceram em contato com os egípcios. Os fundadores da ciência e da filosofia gregas, como Tales, Pitágoras e Platão, foram ao Egito aprender com os sacerdotes. Refiro-me, mais uma vez, à obra de Théophile Obenga, intitulada *Les noirs dans l'Antiquité*<sup>73</sup>. Os romanos imitaram os gregos. Eles teriam, mesmo, no importante domínio da mitologia, como acabei de dizer, acentuado a característica negra de alguns deuses e heróis. É, portanto,

---

<sup>71</sup> *Les Hommes de la Pierre ancienne*. Paris: Payot.

<sup>72</sup> *Les Statuettes féminines paléolithiques*, chamadas “Vénus stéatopyges. Teissier, Nîmes.

<sup>73</sup> Paris: Présence Africaine.

retomando as pesquisas de Obenga, que inicialmente, havia ele mesmo tomado daquelas de Cheikh Anta Diop, que os jovens filósofos da Escola de Dakar vão realizar pesquisas sobre as relações da filosofia grega e da filosofia negro-africana através da mediação do Egito.

Irão me dizer, eu sei, que os antigos egípcios não eram negros. Heródoto, como vimos, nos diz o contrário, assim como outros gregos, testemunhas oculares. Os egípcios eram, pelo menos, mestiços de negros e brancos, como o são hoje os indianos, e provavelmente tinham mais sangue negro do que esses. Disseram-nos, por outro lado, que na arte romana os negros tinham sido apresentados sob uma forma caricatural e que eram grotescos. Isso é verdade, mas não na maioria das vezes. Os brancos também foram, eles próprios, apresentados sob essa forma, notavelmente, como os negros, em cenas satíricas. Ainda assim, temos, muito frequentemente, belos retratos de jovens negros como o “Petit Musicien Barberini” da Biblioteca Nacional, em Paris, homens como “Mêmnon”, mulheres também, especialmente quando representam Ísis, o Egito ou a África.

Se os artistas gregos e romanos representaram tão abundantemente os negros, e é por aí que terminarei, é porque lhes deram uma grande importância em sua vida social, uma importância primordial em sua vida religiosa. Não é por acaso, na verdade, além dos deuses e heróis negros, que muitas cidades gregas cunharam algumas de suas moedas com uma cabeça negra e que, em Atenas, no século V, como nos mostra Edmond Pottier, foi “substituída a marca usual da coruja por uma cabeça de negro”<sup>74</sup>. Tampouco é por acaso que Elisabeth Morel observa que, no mundo mediterrâneo, o negro era uma cor sagrada. Uma vez mais, é necessário remontar ao aurignaciano, no Paleolítico superior, à primeira civilização do *Homo sapiens* que era negroide, dizem Breuil e Lantier. Não é de admirar, portanto, que os antigos mediterrâneos não tivessem sido preconceituosos contra os negros, mesmo os romanos, que foram tão duros contra Cartago. Quem o lamentará?

---

<sup>74</sup> *Epylicos, Etude de Céramique grecque*, Paris, p. 144.